

INVICTA • CINE

semanario ILUSTRADO

DE

cinematografia



preço

50

centavo

nº
147

LOSM



SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS

Invicta Cine

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA
DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE: N.º 147 REDACTOR PRINCIPAL
ROBERTO LINO PORTO ALVES COSTA
E 5 DE DEZEMBRO 1931 Comp. e Imp. — DIÁRIO DO PORTO
SOUTINHO D'OLIVEIRA ANO 9 R. S. Bento da Vitória, 10—Telef. 2308
Redacção e Administração: — Rua das Musas, 45 — PORTO — (Portugal)

Os grandes problemas nacionais

O VALOR DO CINEMA

A tela, diz o sr. Fairgrieve, é muito da predilecção das crianças que com preendem e assimilam, com grande facilidade, as lições pela cinegrafia.

No número de quinta-feira da semana passada o «Diário da Manhã», em artigo de fundo, sob o título—*A acção do cinema na educação pública*—tratava doutamente este magno problema. Os seus conceitos encerram uma importante doutrina onde se nota uma ponderada observação, que merece ser apreciada por todos aqueles para quem o cinema é mais que uma futilidade mundana

Já no numero 143 de 7 do mês findo, desta revista, cu focava o assunto, embora sob outras modalidades.

Apraz-me registar o artigo do «Diário da Manhã», como reconhecimento ao interesse que o assunto merece à imprensa diária, para demarcarmos novamente a nossa atitude em prol dessa grande causa que se torna justo apregoar, solidificando-a, e para que dela se colham preciosos frutos.

O problema é vasto e precisa ser discutido com critério e minucia, para se obterem sínteses concisas, como início de realização.

Principia o artigo do «Diário da Manhã»:— «Em todo o mundo culto, neste momento, desperta um invulgar interesse a utilização do cinema como factor do progresso na educação nacional».

Infelizmente, Portugal—tod@s o sabem—não é um país em que a cultura possa ser tomada como uma generalidade, mas é um país em que é extremamente pronunciada a predilecção do público pelo cinema e muito a parte moça da população.

Sobretudo para esta é que o cinema deve ser tomado como um proficuo cooperador da educação. Mas mesmo para as classes preveligiadas e para as élites o cinema não peca pela falta de particularidades que possam interessar.

Para os cultos êle não deixa de lhes mostrar curiosidades práticas e raras, como complemento proficuo do que os livros administraram teoricamente. Para estes, ainda, o cinema pode ser a Natureza, a Civilização, o Mundo... e dentro de

estes factores a vastidão dos conceitos, a realidade observada, numa sucessão indefinida de particularidades, que a inteligência aceita e cultiva.

Para os instruidos o cinema pode ser reconhecido como motivo de aperfeiçoamento da intelectualidade e da cultura. Mas, primeiro que estes, atente-se nos incultos E' flagrante o exemplo das melhores escolas espalhadas por esse mundo alem, em que o cinema é altamente aproveitado. Dado o cinema como recreação nasce o ensino—o ensino proveitoso que não faz cansar o professor—pois, faz-lhe evitar a palavra apropriada à compreensão da matéria, e é administrado sem fadigas ao assistente, quasi com inconsciência. São bem significativas as palavras de Fairgrieve que a proposito o «Diário da Manhã» transcreve.

Para este efeito os filmes devem ser escolhidos de maneira a merecer o apreço dos educandos, conhecendo-lhes profundamente a psicologia e suavizá-lo com as inumeráveis particularidades de atracção de que só o cinema é capaz.

Sabe-se que o filme profundamente educativo não é olhado com simpatia, mas da complexidade do assunto urdido podem fazer-se derivar episodios sugestivos e atraentes, atenuando essa complexidade.

Sabemos bem que é difficil a empresa, mas da sua boa orientação inicial dependerá o seu triunfo, e as suas agradaveis consequências. O exemplo das outras nações deve ser tomado, para bem da cultura e da educação nacional.

Invicta-Cine marcou já a sua posição ante tão magno assunto e confia que, tanto a grande como a pequena imprensa, a exemplo do «Diário da Manhã» se faça ouvir, debatendo esta tese, para que da junção de ideias advenha um critério grandioso o qual, de certo, pela boa vontade de alguém não deixará de se tornar realidade.

Tomaz d'Alencar.

2.^A FEIRA

NO

AGUIA D'OURO

Estreia sensacional da famosa
super-produção sonora

Matou!

Um filme de Fritz Lang
Superior a todos os filmes
de Fritz Lang

○ grande acontecimento da temporada

Matou! é um filme duma originalidade
sem igual, que nos revela os
grandes crimes das complicadas metropolis
modernas.

Um formidável espectáculo de emoção

Distribuição da

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{DA}

FITAS FALADAS...

Lya de Putti

Quando tive conhecimento da tragédia que acabou com Lya de Putti—tragédia que possivelmente não chegou a emocionar os cinéfilos que se estilizam pelos figurinos de Hollywood—pensei mais uma vez que há um fatalismo inexorável que persegue, e não perdôa, as estrelas que o cinema conduziu para o reino brilhante e efêmero das glórias humanas.

De facto, se repararmos no fim trágico de tantas celebridades da tela, encontramos na vida desses indivíduos predestinados á admiração mundana a aranha diabólica da fatalidade tecendo á sua volta a teia que os ha-de colher.

Calhou, desta vez, a sorte—a má sorte—a Lya de Putti, a formosa estrela húngara que, ainda ha cinco anos, sonhou encontrar em Hollywood o paraíso terreno.

As raparigas que o cinema alucinou para as levantar ás alturas das estrelas e depois as converter em vítimas dessa alucinação brilhante, formam hoje uma parada formidável de sombras que confrange, que apieda, que comove.

Há um tributo a pagar á celebridade, e êsse tributo é o fatalismo que espreita as entontecidas e pobres mariposas que voluteiam em volta da luz forte da cinematografia, irisando-as, revestindo-as de brilhantes facetas, para finalmente as incinerar quando o bailado louco da glória atinge o seu máximo espasmo.

É afinal, eu sei—quantas raparigas modestas não teem invejada o deslumbramento, a fortuna, a fama, o predomínio sexual das outras raparigas que sintilam e formam constelação no céu distante de Hollywood!

Quando penso no fim trágico de algumas formosas estrelas, elas, que fazem rebentar paixões no coração dos homens, que projectam pelo mundo fóra a sua grandeza, que fazem passar as meninas cinéfilas com os seus vestidos, os seus automóveis, as suas joias—elas, rainhas do mundo, despertam em mim a ternura e a piedade que as crianças pobres inspiram aos homens fortes e experientes das armadilhas da vida

Consequências

Quando eu era garôto, tinha duas aspirações muito hominaes: ser cosinheiro de bordo ou novelista. E, confesso, tenho pena de não ser as duas cousas. De não ser cosinheiro, porque devido ao futurismo da mulher é muito natural que, daqui a não muito tempo, venha a sentir a falta de conhecimentos culinários. E de não ser novelista, ainda mais pena tenho. Agora, por exemplo, tenho uma história maravilhosa que, bem estendida, dava para escrever uma novela que enchia duas páginas da «Invicta».

A história, verdadeira como tôdas as minhas histórias, mesmo sem ser interpretada pelo Jeremias, que se encontra, presentemente a banhos, perdão,—não me lembrava que o verão já lá vai

—que se encontra, presentemente, na situação de porteiro reformado, do São Luiz, resumida, é, pouco mais ou menos, o que vou relatar.

A cêna passou-se no Tivoli. Estavamos—o Fernando e eu—sentados em dois 'fauteuils' dumma fila quási vazia. Soou a campainha e começaram a chegar os cinéfilos que se exibem nos corredores, com cara de quem tem voto no assunto. Já quando as luzes se apagavam, uma voz feminina pedia-me licença para passar. Levantei-me. Era uma menina fotogénica, estilizada como as fotos da Norma Shearer. Ao passar junto a mim, pediu licença, ao Fernando, para passar. Mas... ao olhar-lhe para a cara estacou. Parecia conhecê-lo. Subito, sem cerimónia, atirou-se aos beijos ao rapaz, ali no meio da sala, intervalando os beijos com frases como esta:

—Meu querido John! Não te esperava, agora, em Portugal!

Compreendi tudo. A rapariga sonhava com o Gilbert. Achou o Fernando parecido com êle e o resultado foi aquele!

E é tambem porisso que eu não uso bigodinho...

Murmurios

Heloisa Clara—artista cinematográfica *recordingwoman* de interpretação em filmes portugueses (trabalhou em «Ver e Amar», «A Portuguesa de Napoles», e «Milagre da Rainha») foi convidada para interpretar um dos principais papeis femininos do novo fonofilme «Soldados de Portugal».

Encontrei-a na segunda-feira. Disponha-me a fazer-lhe muitas perguntas cinematograficas, mas não pude. E' que a Heloisa contou-me o seguinte:

—«Fui hoje à Amadora, voar, com a minha irmã e o Fernando».

—O Fernando?—perguntei eu admirado.

—Sim.

—E chegou ao solo em bom estado de conservação?

—Chegou até muito bem. Calcule você que nós quando saímos dos aviões vinhamos todos amarelos. Pois o Fernando vinha corado!

Que nos perdoem as leitoras...

* * *

Tem havido certa dificuldade em encontrar interprete para o principal papel feminino no fonofilme «Soldados de Portugal».

As raparigas que aparecem só sabem tocar grafonola e andar de automovel. As que sabem guiar automovel, não sabem tocar piano... porque já não se usa. As que sabem tocar piano—são «b tas de elastico» e porisso não sabem guiar automovel. E... finalmente, as que sabem guiar automovel e tocar piano, teem medo... de concursos...

Meninas: quando se resolverem é favor dizerem—para eu avisar o jornal...

Douglas Faz... bancos.

CARTA DE PARIS

«Marius»: uma ne- Exibem *Marius* em Paris. gação do cinema Os reclames, a imprensa, o público médio, todos proclamam esse filme como a obra-prima do cinema francês. Isso não! Protesto! Se existe a «arte» teatrotográfica, admitimos que *Marius* seja dessa nova «arte» a obra-prima — ainda que eu lhe prefira *Jean de la Lune* — mas mesmo assim nada nos consola.

Havia uma peça excelente, bem escrita, espirituosa, encantadora, emocionante. Ha um ano que, servida por uma magnifica interpretação, colhia no teatro um justo sucesso. Um dia fotografaram tudo, adicionaram-lhe algumas vistas de Marselha e do Mar, uma música sentimental e uma «sereia» a cada canto, que não sugere nada porque se sente que nada tem de real, arranjaram o conjunto e obtiveram um filme: Agora chamem-lhe o que quiserem mas *cinema* é que não.

O texto não mudou, os actores continuám os mesmos e fala-se, fala-se muito, fala-se demasiado. E depois de vermos o filme, voltamos ao teatro rever a peça ao mesmo tempo que pensamos o que dela se poderia ter feito. Não, o teatro não morrerá se o cinema continúa neste sentido.

Alexandre Korda, a a quem devemos alguns bons filmes, poderia ter realizado um poema da ivasão e da viagem: O atractivo das ilhas, as suas recordações, a sua música, o mar, os barcos. Ou então um vasto fresco popular de Marselha, com a sua vida «quente», o seu sol, o seu mercado, todos os seus ruidos característicos, as suas mulheres e o seu porto.

Mas afinal, nada disso nos deu. Que vimos nós! Pobre teatro filmado.

Um filme encantador Passa actualmente em «Congresso que dança» Paris um filme que se vê com enorme prazer:

Congresso que dança. E' uma história de amor entre um rei e uma pastora, num conto histórico fantasista. Algumas lagrimas. Achados felizes, bom cinema por vezes, movimento contínuo e embriagador de valsas vienenses, lindas imagens, e alguns fragmentos encantadores. Mas sobretudo o que mais nos agradou foi a presença da sempre encantadora Lilian Harvey, que conduz

a acção num turbilhão de sorrisos e de «flou-flo». Deante dela nós invocamos os nossos doze anos e encontramos realmente a alegria de viver.

Poucas canções para uma opereta. Em compensação dão-nos uma aparição de Napoleão com «Marselheza» e bandeiras, o que nós dispensávamos francamente...

A' volta de Lilian: Garat melhor que de costume no papel de tzar; Lil Dagover sempre bella; Arnoux desempenhando a sua parte com inteligência e Armand Bernard, sempre o mesmo, mas muito engraçado.

Enfim, *Congresso que dança* é uma obra bonita e agradável que distrai. Mas... isso não basta. No cinema não ha só fantasia. O fim da arte das imagens não deve ser só distrair. Ha tambem a vida e a humanidade ao lado do sonho. Esquecem-se disto, que é importante. Ha problemas sociais e humanos que o cinema devia tratar. Sobretudo neste momento...

«A Opera de 4 vintens» Enfim! Depois de a ter retirada um ano e de lhe ter feito uns cortezinhos tão estúpidos como insignificantes, a censura francesa permite, por último, a exibição em público da magistral obra de Pabst: *A Opera de 4 vintens*. Mas o «grande público» não irá ver este filme que só uma «élite», cineartes e artistas saberão devidamente apreciar. E' que *A Opera de 4 vintens* é uma obra imensa e terrível... e uma obra-prima creiam, uma «verdadeira» obra-prima.

A' volta duma lamentação, de música enfan-donha, interpretada com simplicidade e mecanicamente por um velho cantor das ruas, desenrola-se a acção. As palavras desta lamentação são terríveis: exaltam a maldade, o crime, e isso com um cinismo e uma ingenuidade que nos oprime duma maneira estranha. Assistimos aos amores dum bandido (interpretado primorosamente, na versão francesa, por Préjean) e de Polly, filha do Rei dos Mendigos (que Florelle encarna duma maneira notável, dando um pleno valor ao seu rosto mobil e expressivo e à sua voz adoravel, que à criação dum personagem complexo e espantoso).

Conclui na última página.



Imagens de «O Congresso que Dança» e «Opera de 4 vintens».

Fritz Lang e o fonofilme Matou!

Há um nome que sempre enche os écrans, que parece desenvolver de si próprio um poder extraordinariamente magnético sobre o público: é o de Fritz Lang.

Se a cinematografia alemã tem pilares sobre que assenta, colunas fortes que a tornaram em tempos a primeira cinematografia artística do mundo, e não nos interessa neste momento o ponto de vista comercial, o nome de Fritz Lang é um dos esteios mais fortes. aquele que mais altamente tem contribuído para o levantamento a um nível altíssimo, do valor da cinematografia germanica.

Tendo persistentemente começado com um trabalho quasi de ensaio, o alemão, ou melhor, os primeiros iniciadores da cinematografia teutónica, foram pouco a pouco levando-a a um grande perfectibilidade, não ousaremos dizer inatingível porque o ultrapassou o russo, mas pelo menos, diremos inatingível para alguns países que criaram a cinematografia no declínio da doutros países, e quasi nunca se importaram com o lado artistico dela, tendo-a feito medrar sob as prosperidades dum ubere comercial, que anos depois entisicou, como se depois dos anos da fartura não seguissem sempre os anos da fome.

A cinematografia germanica, cheia de características novas, cheia dum modo de exis-

tencia novo, com ideias técnicas fundadas em perfectísimos conhecimentos cine-fotográficos, resultando dum estudo consciencioso, uma paciência e uma persistência digna dum Job, parecia, chegados ao periodo do sonoro, jazer num marasmo apático, indiferente e improdutivo. Todavia, e como anteriormente, o aspecto esfingico que possuía, vai caíndo a pouco e pouco; são pequenas produções lançadas ao mercado com o fim de lhe tomar o pulso, mas, e hoje como ontem, é novamente Fritz Lang, quem vem desvendar o aspecto misterioso, revelando apenas como a elaboração duma arte; é novamente Fritz Lang quem aparece mais uma vez como arrimo forte do cinema alemão

Hoje apresenta-nos *Matou!* ontem mostrou-nos *A morte cançada*; é o Wagner da cinematografia tentónica. Como aquêlo compunha em orquestrações magistrais que assombraram e assombram o mundo, com um recorte de figuras que fazem a música wagneriana sublime, assim também este Wagner da luz e sombra compõem primorosamente em desenvolvimento de senários sob formas ritmicas, ricas de angulo e de observação.

Haverá, quem sendo amante de bom cinema tenha esquecido a imaterialidade palpável de «A morte cançada»? Poderá haver quem esqueça a epopeia cinematográfica «Os Nibebungos», quem nao veja sobre a figura curiosa do Atila os perimórdios heroicos da Alemanha, quem não reconheça nestas desenvolturas heroicas do Siegfredo a orquestração luminosa da célebre «Tetralogia de Wagner» tornada possível pela vontade, inteligencia e génio creador de Fritz Lang?

Quem não compreenderá o que há de verdade naquele debate sociológico de «Metropolis», a luta permanente, continua e viva, hoje mais que ontem, tornada veridica pelos episódios da emancipação das classes operarias contra o capitalismo? E depois destas produções que definiram épocas dentro do cinema alemão, outras se sucederam como «Espíões» e «A mulher na lua» que continuaram afirmando a grande potencialidade artistica de Fritz Lang.

Infelizmente, outros dois pilares da produção artistica cinematográfica alemã, Murnau e Lupu Pick, são mortos; nada mais resta neste momento apesar do esquecimento em que o tempo lança os homens, senão a certeza de que foram verdadeiros artistas.

E como o nome de artista, a quem no merece, cria fama e a fama é imortal, estas duas colunas, que a morte já nos roubou, ficam como padrões marcando nitidamente num brilho glorioso o seu lugar no cinema alemão. Fritz Lang, vai novamente provar-nos o seu extraordinário valor e desta vez num filme sonoro: «Matou!»

* * *

Um bandido, criminoso cuja tara o leva a assassinar crianças... mas quem? Um homem



de quem os jornais se ocupam quotidianamente, de quem inserem relatos de crimes terrivelmente hediondos... mas qual é?

Um ser que não procura sevar nas vítimas instintos senão, como um Landru ou um vampiro de Dusseldorf... mas porque mata?

Uma fera humana que perturba a tranquilidade dos mendigos, que os impede, devido à vigilância da policia de exercer a sua industria... mas como sabem quem é?

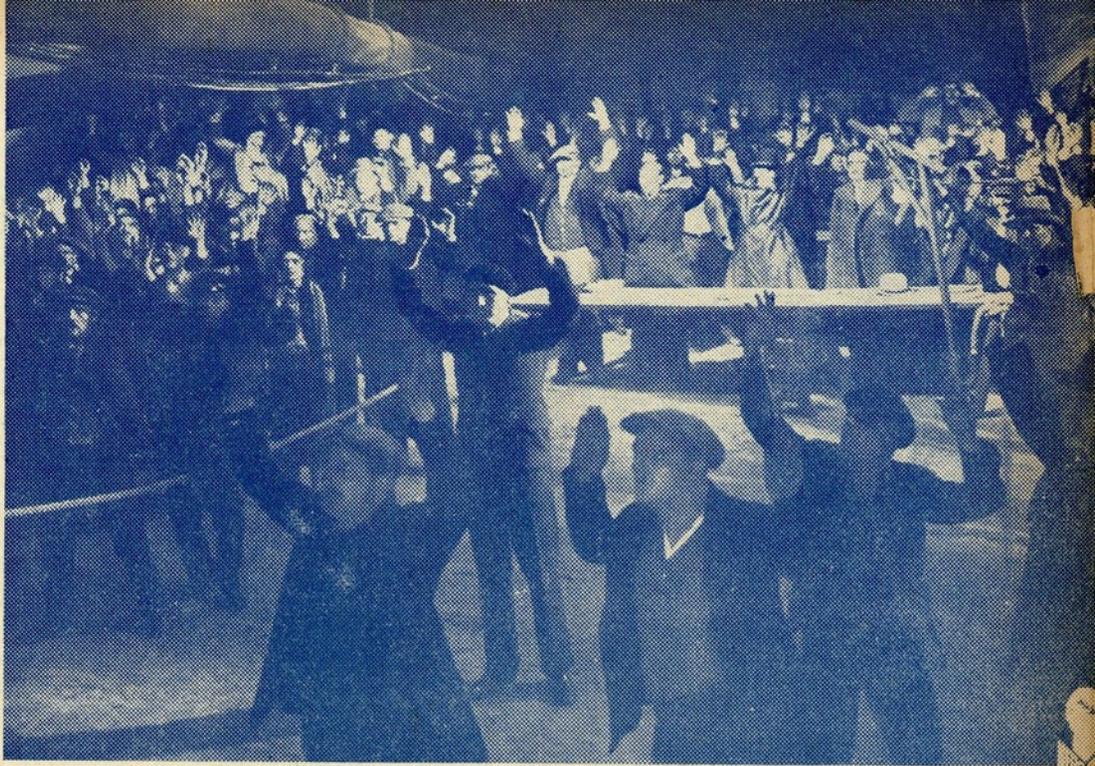
Uma besta selvagem que a todos escapa, que a todos foge, que a todos engana praticado o crime, satisfeito o carniceiro prazer... mas de que processo?

Será este, será aquêlo, será aqueloutro? Nem é este, nem é aquêlo, nem aqueloutro... é fulano?

O filme de Fritz Lang que o rótulo parece querer traduzir como um filme duma intensidade dramática horripilante, passa-se numa série de interrogações ansiosas, num mixto de vontade que o filme acabe, que o filme continue patenteando o trabalho de Lang, mas que se mostre rápidamente quem é o assassino das crianças.

Como em todos os filmes, Fritz Lang é mestre. Chegam até nós os aplausos da critica lisboeta; fazem-se comparações das obras deste artista; citam-na uns como superior ao filme tal, outros como superior a outro. Contudo, as conclusões a que chegamos é que se trata dum filme de Fritz Lang; o público pelo hábito conhece, neste caso, o monge. Mais palavras, para dizer do valor cinegráfico de Lang, são desnecessárias; para expressar admiração pela sua obra já bastam as que estão disseminadas por outras revistas. Diz a «Imagem»:

«Técnicamente, é impossível conceber uma estreia de realização sonora com uma tão perfeita segurança. Desde os primeiros aos últimos planos—desde a enternecedora cena das crianças brincando no pateo, ao tribunal dos bandidos na fabrica velha—não mostra uma



Uma imagem do grande fonofilme «Matou!»

deficiência não acusa um desfalecimento, não denuncia uma dúvida!

Ninguém soube interpretar melhor do que Fritz Lang o verdadeiro mérito do sonoro que é—segundo a formula Eisenstein—o de pôr em destaque o valor do silêncio. A oportunidade com que surgem no decorrer da acção algumas cenas silenciosas, esmaga por completo a teoria americana posta ao serviço da defesa do cem por cento. Como técnica de imagens—chamemos-lhe assim—basta dizer que «Matou!» não fica a dever nada as suas anteriores produções. Antes pelo contrário, sente-se na sua realização uma firmêsa maior, um sentido mais exacto do ritmo, que lhe dá o justo equilibrio, a unidade necessária. Nem demasiadas sobreposições, nem angulos que não tenham immediata justificação, nem enquadramentos esquisitos:—Os jogos das crianças, a obsessão do assassino, as reuniões dos bandidos e dos policiaes, o relatório visual das averiguações policiaes, as buscas, a perseguição dos mendigos, o assalto à casa de penhores, o julgamento... tudo, enfim, decorre com uma serenidade de técnica exemplar, uma certeza magistral... Se o cinema fosse apenas uma sucessão de imagens representativas duma sucessão de factos, nem mesmo sonorizadas justificariam metade do interesse que lhe dedicamos. E' difícil conceber um tema mais literário do que o tratado por Fritz Lang em «Matou!» e uma técnica mais puramente cinematográfica na sua interpretação».

FOTOGRAFIA GUEDES

o MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRAFICO

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350

A Medalha de Ouro da «Photoplay»...

... foi ganha este ano pela Universal em virtude do filme de Lewis Milestone, *Nada de Novo na Frente Ocidental*, ter sido classificado por aquêl importante magazine como a melhor produção do ano 1930.

Dêsde 1920 que *Photoplay* oferece anualmente uma medalha de ouro à companhia cinematográfica que tiver apresentado o melhor filme. As produções, que, até hoje, tiveram a honra de serem premiadas com a medalha de *Photoplay* foram: *Humoresque* (1920), *Tol'able David* (1921), *Robin Hood* (1922), *The Covered Wagon* (1923), *Abraham Lincoln* (1924), *The Big Parade* (1925), *Beau Geste* (1926), *7 th Heaven* (1927), *Four Sons* (1928) *Disraeli* (1929), e agora *All Quiet on the Western Front* (1930).

A' volta de «A Opera de 4 Vintens

O nosso redactor em França, sr. M. Hilero, falavos, neste número, no extraordinário filme de Pabst, *A Opera de 4 Vintens*, que a censura francesa reteve durante cerca de um ano, alegando que se tratava não só duma obra revolucionária, como (e isto era o que mais a afilia) ofensiva para a rainha de Inglaterra... apesar do filme poder passar livremente, e sem cortes, em todo o Reino Unido, tendo mesmo sido coroado, em Londres, dum brilhante sucesso...

Achamos que seria curioso publicarmos a célebre lamentação de *A Opera de 4 Vintens* a que o nosso redactor se refere e assim damos a seguir a sua tradução literal:

Vós que quereis ensinar-nos a bem viver,
A preservar-nos do crime e do pecado,
Dai-nos primeiro pão e viveres,
Depois as vossas preces poderão começar.
Vós que tanto amais o vosso ventre e a nossa virtude,
E' preciso que conheçam este segredo,
Nada se pôde fazer contra este princípio absoluto:
Comida primeiro e moral depois!
Os pobres precisam da sua parte de micha,
De esse bom pão branco de que os ricos tanto gostam!

—Porque de que vive o homem?
De que vive o homem?
Sabendo que no fim de contas
Os homens se fazem sofrer uns aos outros e se atacam entresi

A gente vê o que faz viver esses pobres diabos
E' o esquecimento de que são homens!
Senhores, metei isto bem na cabeça:
Não se pôde viver e ser honesto.

Uma condecoração

Adolph Zukor, presidente da Paramount, como se sabe, nasceu em Ríce, Hungria, sendo durante vários anos, como ainda hoje o é, um dos mais importantes benefiteiros da terra onde viu a luz pela primeira vez.

Há pouco, o governo húngaro condecorou-o com a Cruz da Ordem Hungara de Mérito.

Não querem mais nada?

A «Federação Alemã dos Proprietários de Teatros», recentemente reunida, oficiou à United Artists, pedindo-lhe que suspenda a exibição, fóra dos Estados Unidos, do filme «Anjos do Inferno», filme êsse que êles reputam anti-tetónico e altamente ofensivo ao brio do povo ale-

mão. Declaram êles, no fim do ofício, que «esperam ser a medida realizada, com certeza, afim de evitar, principalmente, medidas que já tem sido postas em pratica noutras ocasiões e com resultados fecundos». E' curioso notar que o filme em questão tem sido exibido em quasi todo o mundo e até hoje ainda não vimos os resultados dessas tais medidas fecundas...

A propósito da morte de Lya de Putti

O «Diário de Noticias», publica o seguinte:

NOVA YORK, 28.—Segundo um jornal desta cidade, o Ministério da Saude Publica recusou autorisação para inumar o corpo da estrela cinematográfica Lya de Putti, tendo dado ordem para lhe ser feita autopsia.

O mesmo jornal diz constar que a actriz se suicidou, engulindo um pacote de alfinetes. Vem a propósito salientar que Lya de Putti fóra hospitalizada porque enguliu um ôsso de galinha

DA VIDA CINEGRÁFICA

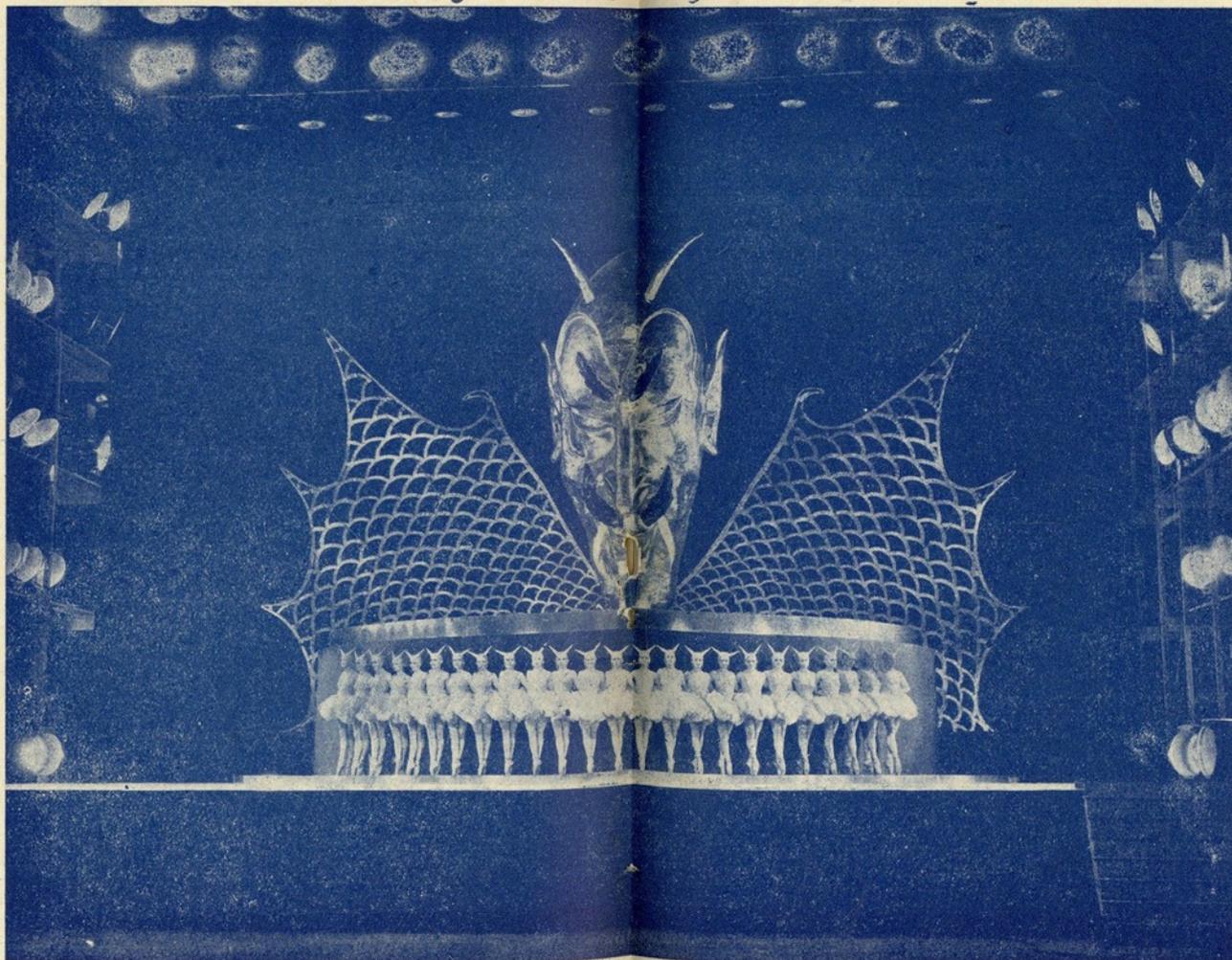
que lhe causou um rasgão na garganta, a que se seguiu um envenenamento de sangue. No entanto, a desventurada artista, antes de partir para a America,

tentou suicidar-se ingerindo qualquer poção toxica. Isto passou-se em Berlim há uns três anos...—N.

Não discutimos a veracidade desta notícia na parte que diz respeito às causas que provocaram a morte de Lya de Putti, no entanto, os dois últimos períodos são menos verdadeiros, visto que a falecida partiu para os Estados Unidos em fins de Março ou princípios de Abril de 1926.

Nós somos da mesma opinião..

E. A. Vogel, do consórcio Loew de teatros e cinemas, diz que as refilmagens de argumentos outróra silenciosos, são grandes êrros dos quais as casas produtoras se arrependirão. Acha que os filmes perdem muito do seu valor sendo baseados em argumentos conhecidos e, assim, diz preferir que os assuntos das novas produções sejam originaes.



O bailado de Satanaz cêna de um grande filme da M. G. M.

Alguns jornais diários informaram que:

O célebre «cow-boy» Tom Mix acaba de ser operado, em Hollywood, duma apendicite, em condições bastante perigosas, e encontra-se moribundo. Os médicos dizem que o seu estado é «pior» do que crítico

Tom Mix abandonára o seu papel de «cow-boy» no cinema, quando começou o filme sonoro. Há dois anos que trabalhava num grande circo.

Balanço da E'poca 1930-31

Por lapso tipográfico, não saiu indicada a exibição, a 23 de Novembro de 1930, de «O Meu Camarada», em determinada sala de estreias desta cidade.

Para evitar possíveis equívocos, aqui fica a rectificação.

C. V.

O argumento do filme Matou!

Uma cidade em panico pela presença misteriosa dum assassino de crianças. Toda a gente procura em vão diminuir as probabilidades de que a sangrenta série continue. A policia luta desesperadamente. Mas as crianças continuam a ser vítimas do hediondo criminoso.

A sprisões sucedem-se Rusgas. Assaltos. Buscas.

E' tão grande a excitação que o «bas-fond» da cidade resolve reagir. Os criminosos, os ladrões, desconhecendo tambem o assassino, seja êle quem fôr, esteja ondê estiver. E com a ajuda dos mendigos, criam uma cerrada rêde de espionagem. Um pobre cego, que vende balões a uma esquina, adivinha-o um dia.

—Quando a pequena Elsa foi assassinada, veio aqui um homem comprar-me um balão. Vinha com uma garota e assobiava exactamente como êsse.

—Estás a vê-lo daí?

—Fala com uma pequenita.

Vai-se embora com ela...

—Segue-o! Não o percas de vista.

A perseguição é emocionante.

A rêde aperta-se em volta do assassino, que, no entanto, consegue esconder-se num prédio imenso, onde só há Bancos, escritórios, organismos comerciais, velhos depósitos duma grande casa de crédito.

Os ladrões, para o agarrar, organizam um assalto. Amarrados os guardas, inicia-se a busca naquêl enorme edificio de engrenagem complicada. Momento culminante de enoção.

O assassino é agarrado pelos ladrões. Chega a policia. Mas chega tarde. Agora os ladrões, nas ruinas duma velha fábrica, vão julgar o assassino de crianças. E' êste talvez o episódio mais forte do filme.

Fica em todas as retinas a cara daquela ladra, de lágrimas nos olhos, que diz ao assassino:

—Imaginas talvez que as mãis das crianças que tu mataste te podem perdoar?

E quando a multidão alucinada, se vai lançar sobre o bandido, num odio de morte...

—Mãos no ar!

... e então o criminoso é preso para ser julgado em nome da lei.

Passando em revista os

filmes da quinzena

Romance (Romance)—Sob o ponto de vista puramente cinematográfico não podemos defender um filme como este. Somos mesmo obrigados a lamentar que roubem ao teatro as suas peças para as transportarem para a tela sem a menor tentativa de fazer *cinema*... o que neste caso era impossível, porque a obra de Edward Sheldon de maneira alguma se presta a ser cinematografada. Porém, se admitirmos a existência temporária duma nova forma de espectáculo, forma absolutamente passageira e que tende a desaparecer: a teatrografia, então *Romance* aparece-nos como uma obra deliciosa, cheia de mimo, cujos dialogos—um dos seus maiores valores—nos deixam encantados, e que vem lançar até nós um agradável sopro de romantismo. Além disso somos obrigados a reconhecer que o desempenho de Lewis Stone e Greta Garbo é assombroso de perfeição. Greta Garbo revela-nos, enfim, a sua voz, uma voz quente, sensual, grave, é certo, mas muito agradável, e que vai admiravelmente com a sua personalidade estranha. Eu não compreenderia Greta Garbo com uma voz vulgar, com uma voz que não tivesse, também, qualquer coisa de raro, de esquisito. Antes do sonoro Greta Garbo era uma grande actriz. Hoje, o advento do falado, vem nos revelar uma maior largueza do seu talento e confirmar, consolidando-os, os seus créditos de extraordinária comediante. Lewis Stone, um talentoso actor que nunca elogiamos de mais, tem em *Romance* um dos seus melhores desempenhos.

Eu confesso que tive pena de não ter visto cinema quando assisti à exibição de *Romance*, mas fiquei tão maravilhado com o trabalho de Greta Garbo e tão encantado com a beleza dos dialogos, que perdoei tudo ao sr. Clarence Brown e voltei dias depois a ir ver a peça.

Estreado no Aguia d'Ouro em 16 de Novembro.

Harold Tropa-Tropa (Feet First) — Um filme comico cheio de boas qualidades mas que não atinge a perfeição e a graça de *Harold Encravado*, o primeiro filme sonoro e falante de Harold Lloyd. *Feet First* é longo demais. As cenas da escalada do arranha ceus, que tem pontos de contacto com um outro filme de Harold, *O Homem Mosca*, tornam-se fastidiosas por serem demasiado persistentes. Em compensação a gente ri-se a valer com mil outros «gags» excelentes e sai do cinema ainda sob a influência hilariante do felicissimo final. Eu gostei e o público também deve ter gostado porque o ouvi rir a bom rir. E fazer rir é mais difficil do que fazer chorar...

Estreado no Trindade em 17 de Novembro.

Vida Noturna—Um film de Stan Laurel e Hardy. Vocês conhecem-nos Sabem o que valem. O cenário do filme é que é fracote, mas segue-se com agrado. Algumas situações engraçadas. Deta-

lhe a apontar: o ataque de riso de Laurel no final da pelicula.

Estreado no Olimpia em 16 de Novembro.

Os Renegados—O argumento deste filme é que estraga tudo. E' bem pior do que a realização que tem pontos por onde se salve!... O que suporta um pouco o filme é a interpretação primorosa dos quatro legionários, quatro tipos magnificos e admiravelmente delineados: Warner Baxter, Noah Beery, Gregory Gaye e Jorge Cooper. O resto... pouco vale.

Estreado no Aguia d'Ouro em 23 de Novembro.

Homicidio (Requisitoir)—O senhor Dimitri Buchovetzky, o realizador de *Danton* e de *Os irmãos de Karamazov*, duas das primeiras obras de valor que a nascente escola alemã lançou ao mundo em 1920-21, devia ter vergonha do filme que agora fez para a Paramount da Europa. E o que me admira é que Robert Kane, que tem sérias responsabilidades e não deve ser tolo, não tenha mandado pegar o fogo a tal filme, salvando assim o bom nome da casa que dirige... *Homicidio* não tem por onde se lhe pegue. O cenário é mau, não oferecendo nenhuma probabilidade ao realizador que, por sua vez deixa cair o filme na mais fastidiosa sensaboria. Os dialogos são excessivos, muitas vezes não servindo senão para atrasar o andamento da acção... e ainda por cima a gravação de sons que é imperfeita... foi agravada com uma péssima reprodução o que tornou a audição desta pelicula verdadeiramente insuportavel.

Estreado no Olimpia em 23 de Novembro,

O Iceberg Vingador—Um filme de Allan Dwan muito pretencioso, mas que no começo da era sonora talvez tivesse agradado. Hoje não. A realização tem muitos altos e baixos e apesar do esforço que houve para dar um ar de verdade à historia e aos lugares onde ela decorre, tudo aquilo cheira a *chiqué*... Algumas cenas em excesso, monotonzando bastante a acção.—Interpretação sem nada de notável. Aponto unicamente o nome do falecido Louis Wolheim, um grande actor cuja morte eu muito lamentei.

Estreado no Passos Manoel em Novembro.

A. C.

FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros premios em todas as exposições a que tem
: : concorrido : :

346-Rua de Santa Catarina-350

Duas palavras



sobre

LYA de PUTTI

Morreu
Lya de
Putti.
Não se
sabem

certo, ainda, as causas da sua morte, mas isso também pouco nos interessa. Recordemos, em poucas linhas, a sua carreira artística, sem nos preocuparmos da sua vida íntima, e que as nossas palavras fiquem como uma sentida expressão de saudade pela formosa interprete de Variedades que a morte nos acaba de roubar.

Posto que tenha nascido na Hungria, é na Alemanha que Lya de Putti (Charlotte Weber era o seu nome de baptismo) enceta a sua carreira cinematográfica trabalhando em diversos filmes, sem todavia chamar sobre si grandes atenções. Sob a direcção de Dupont, interpreta Variedades ao lado de Emil Jannings. Variedades, até hoje ainda a melhor obra de Dupont, e que René Jeanne classifica como o «canto do cisne» do cinema alemão, colhe um sucesso estrondoso em todo o mundo. Lya de Putti que, na realidade, soube dar ao seu personagem uma encarnação perfeita, participa dos louros e o seu nome torna-se conhecido em toda a parte, é citado sempre que se fala de Variedades. A sua carreira prometia tornar-se gloriosa.

Para a Ufa Carl Grüne realiza Ciumes e Lya de Putti é de novo escolhida. O seu temperamento vai bem com a figura que desempenha, numa história humana que tem por tema o eterno triângulo: ele, ela e outro. O seu trabalho impecável vale-lhe mais um sucesso.

Com A. Robinson, Lya de Putti cria uma Manon com relevo digno de aplausos. Ao lado de Lars Hanson entra num novo filme de Artur Robinson: A Denúncia, produzido pela British International Pictures. Com A. Licho

filme Ca-
prichos
um filme
mediocre
mas que

Lya de Putti considera como o seu melhor filme. Atraída pela América e lá que parte para Hollywood.

O seu declínio, que começara com a queda do cinema alemão, torna-se agora evidente.

Sob a direcção de Griffith, que não a soube aproveitar, Lya de Putti desempenha um pequeno papel dentro do qual ela se sente mal, no filme Tristezas de Satanás. Num outro filme americano Uma Dádiva de Deus, voltamos a ver a formosa artista europeia num papel muito abaixo dos seus recursos.

Daqui por deante a carreira cinematográfica de Lya de Putti (cujo melhor trabalho, a nosso ver, foi Variedades) esfacela-se. O sonoro vem por fim roubar-lhe as últimas possibilidades dum renascimento na América. Só talvez a Alemanha lhe pudesse vir a oferecer um futuro digno dos seus debutes. Lya de Putti parece que não tentou recuperar no país que abandonára, o seu nome perdido. E quando estava quasi esquecida, o suicídio, (porque se julga que Lya de Putti se suicidou) vem-nos lembrar todo um passado brilhante vem-nos recordar com saudades os últimos dias da gloriosa escola germânica e um filme que jamais sairá da nossa memória: Variedades.

FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros premios em todas as exposições a que tem concorrido

346-Rua de Santa Catarina-350

Alma Negra—Porto—Você saiu de algum velho filme em episódios?

Agonia dum submarino é uma produção de Jacques de Baroncelli, interpretada por Charles Vanel, Lillian Hall-Davis e Suzy Vernon, exibida no Olimpia do Porto em 1927. Lendo com atenção esta secção, encontrará o que deseja.

Eu antes a queria ouvir... calada—Porto—Não diga isso. A voz de Greta Garbo é um tanto grave, mas está muito longe de ser desagradável. Estou em desacordo consigo. Acho que ela, com o sonoro, ainda veio consolidar mais o seu lugar de grande comedianta. Você não viu bem *Romance*, senão não poderia ter deixado de admirar Greta Garbo. Pois, meu caro, diga Você o que quiser, mas eu antes a quero ouvir «falar grosso» do que caladinha como dantes.

Rosita Branco—Lisboa—Yo no puedo ofrecer mi retrato a nadie. Perdona. No, a mi no me gustan las españolitas como Usted, y le digo la razón: no se llama Usted A... M...?... Muchísimas gracias por los besos, pero no los aproveché todavía porque sospecho que Usted es... un hombre.... Adiós querida.

Alberto—Porto—Sou absolutamente do seu parecer e creia que gostei muito de ler a sua carta. Você tem excelentes qualidades de observação e um sentido crítico bastante apurado. Você escreve-nos poucas vezes, mas quando o faz só merece os nossos aplausos. Cumprimentos transmitidos. Obrigadinho pelos abraços.

A Menin da franjinha—Porto—Então que tem sido feito de si? Julgava que tivesse mudado de planeta! Não, não me esqueci de Você... bastava usar franjinha para eu nunca mais esquecer... Você não sabe que eu tenho um truc, truc pelas meninas que usam repinhas? Não valia a pena ter chorado por o Papá não a ter levado a ver *Margem Esquerda*. O filme não era lá grande coisa e não merecia as suas lágrimas... a não ser que Você tivesse chorado por causa do Harryzinho Garat... Mas não se aflija. Vê-lo-á muito em breve em *Congresso que dança*, ao lado da Lilian Harvey. A direcção de Pierre Batcheff é: 3, Square Robiac, Paris (VII), França. Deve mandar algum dinheiro. Escreva-lhe em francês. Adeuzinho, apareça por cá mais vezes.

R. Abreu Espinho—Não li, não senhor. Agradecia-lhe se me mandasse esse tal jornaleco. Deve ter piada. Já uma vez li, num semanário católico da provincia uns ataques ao cinema, tão comicos, tão comicos, tão comicos... que a gente, nem que quisesse, não se podia zangar. Pobres idiotas!... Agradeço e retribuo cumprimentos. O Alves Costa, idem.

O. Odahcam—Braga—Ainda não se sabe quem será a protagonista de *Soldados de Portugal* (ex-«João Ratão»). Não gosto de fazer previsões, todavia espero com uma certa confiança que a Continental Filmes faça *qualquer coisa*. O tempo o dirá.

Um Académico—Porto—Ora seja bem aparecido! Já estava para deitar um anúncio a perguntar por si... De maneira alguma quero que Você deixe de estudar por minha culpa. Escreva-me quando puder. Por causa da minha simpática leitora «Amo um Académico», não vale a pena a gente pegar à pancada... mas continue na minha: se fosse a ela mudava de pseudónimo, não para vir a chamar-se «Amo o Amok» como Você diz, mas para arranjar um nome pequenino e fonogenico, como Mimi, Zizi, Mitzi ou qualquer outra coisa semelhante. Diz ela que a sua carta se perdeu. Se calhar foi a Mamã que lha surripou... O melhor que tem a fazer é dar-me a sua direcção. E' melhor que essas coisas se arranjem sem intermediários. Os abraços foram distribuidos, e dos meus camaradas tenho agora um magóte de agradecimentos para lhe entregar.

Daughter of the Dragon—Porto—Oh dear!... E' curiosissimo o caso que me conta e que realmente dava um magnifico cenário para um filme. Bem diz Henri Barbusse



que «os amores não são mais do alianças políticas feitas entre adversários». A direcção de Lawrence Tibbett é: M. G. M. Studios, Culver City, California, U. S. A. Loretta Young está nos Warner-First National Studios, Burbank, Calif., U. S. A.

Não maço nada. Pode escrever mais vezes, terei muito gosto em receber notícias suas.

Lacômico—Porto—Sim senhor, lemos. Pode escrever-lhe para essa direcção. Costuma. Não será exibido este ano. Obrigado. Sempre às ordens.

Cinefilo debutante—Porto—A' sua outra carta já respondi no último número. Victor Sjostrom, que os americanos chamam Seastrom, é sueco e foi uma das mais notáveis figuras do cinema europeu de ha alguns anos atrás. Actualmente trabalha nos U. S. A. Sjostrom começou a sua carreira como actor, e, caso curioso, sob a direcção de Mauritz Stiller, outro grande realizador sueco, já falecido. Na Suecia Sjostrom fez muitos filmes: *Ingeborg Holm*, *Terje Vizen*, *Jerusalem* e *O carro fantasma* (o mais importante de todos e que grande influencia exerceu então sobre o cinema mundial), são os principais. Sjostrom tem também um filme intitulado *Kejsaren av Portugalien*, segundo uma obra de Lagerlof. Os filmes de maior nomeada que ele realizou na America já Você os conhece, são *O Vento* e *A Mulher Marcada*. Está enganado. Gosto de brincar com os meus leitores, mas também gosto que eles me falem em coisas sérias. Não maço nada. Pergunte sempre.

Business Man—Porto—Não parece! Para perguntar uma coisa tão simples e que já disse nesta revista por duas vezes era desnecessário fazer tantos rodeios. Sim senhor. Clara Bow volta à actividade. Era só isso que queria saber?

Um que não percebe—Porto—Pois não custa muito... Trata-se duma dupla projecção. E' a coisa mais simples deste mundo. Mas nem todos são feitos da mesma maneira.

Um velho cinefilo—Porto—Sim senhor, também notei com prazer que o Passos Manuel chamou muita gente com a reposição de *Sob os Telhados de Paris*. Quando Você me escreveu já Lya de Putti devia ter morrido. A Luiz Lopes deve partir para Paris com a sua troupe dentro em muito pouco tempo. Naturalmente o seu filme só será apresentado lá para Fevereiro ou Março. Lembro-me muito bem desse filme com a Lilian Harvey. Creio que foi a primeira fita dela que foi exibida em Portugal. E nessa altura ninguém pensava que essa encantadora e graciosa artista viesse a ser, anos depois, um dos melhores elementos da cinematografia da velha Europa—dentro do género bem entendido. Creio que Reinaldo Ferreira não fará mais filmes. Recordo-me perfeitamente do que foi a primeira noite do *Taxi 9297*. Poucas vezes o Trindade esteve tão cheio! Também, nessa ocasião, um filme português era uma espécie de avis rara. Escreva sempre que queira pois terei muito prazer em ler as suas cartas.

Porque eu amo—Lisboa—Ai ama? Então declare-lhe todo esse amor mas, veja lá!, não me perca o rapaz... que me faz falta. Pode escrever ao Douglas Faz... Banks endereçando a sua carta para esta Redacção. Afinal o homem é realmente novo mas não tem bigodinho «estilizado» como um certo camarada nosso... Mas naturalmente Você não faz questão lá por causa desse detalhe, não é assim?

Nadir—Porto—Gosto, sim senhora do seu lindo pseudónimo. No filme *Com medo de Amar* era Florence Vidor quem fazia o principal papel feminino ao lado de Clive Brook. Como se lembrou agora deste filme tão antigo? Eleanor Boardman está na Paramount: Paramount Publix Studios, Hollywood, California, U. S. A.; Conrad Nagel: Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Calif., U. S. A. Adeuzinho e dê-me mais vezes o prazer da sua visita.

Um super fo-
nofilme da Ufa

A ULTIMA COMPANHIA

A exhibir breve-
mente no Porto



*Os últimos treze granadeiros
Com coragem heróica morrem,
Almas de soldados verdadeiros!*

*Agora sou eu que vou cantando,
Depois serás tu que irás bradando,
Das nossas fileiras aguerridas!*

Foi em 1806, após os primeiros combates dos Prussianos, contra os franceses, quando os exércitos vitoriosos do grande Napoleão, devastavam a Prússia, muito antes ainda de Blucher ter dado as batalhas de Leipzig e de Waterloo, que subitamente marcavam limites ao seu reino, até então ilimitado «A Companhia do Capitão Burk deve ocupar imediatamente o moinho, perto de Reinersdorf», tal é a ordem do Quartel General no fim de uma batalha sangrenta!...

Porém, quando o Capitão fez reunir os soldados da sua companhia, verificou com grande espanto que, só restavam 13 homens, que eram os 13 sobreviventes da Companhia inteira!

—Que importa!—disse o Capitão.—A ordem deve ser executada impreterivelmente, o moinho indicado deve ser ocupado, a todo o custo, para evitar que os franceses avancem!

O moinho torna-se o domínio da guerra! Dentro de uma hora o moinho deve estar abandonado pelos velhos moleiros que o habitam na companhia da sua pupila Dora.—«Nós criámo-la na nossa companhia, meu Capitão!»—«Sim, sim»—responde distraidamente, o Capitão. E, com certa ansiedade, a pequena Dora fixa aquele homem, que lhe parece ter um aspecto de verdadeiro demónio.

*E, nesta terceira Companhia
Cada homem tem uma Maria...*

Até que por fim, chega o momento! Os moleiros já partiram e o Capitão distribui os seus homens para uma defesa brava. Manda um dos soldados para o Quartel General, pedindo reforços, e explicando que são apenas 13 homens, os restos de uma companhia!

O avanço do inimigo deve ser impedido, seja como fôr! Os soldados encontram-se no caminho, por onde os franceses devem vir. Eles sabem muito bem que nenhum dêles poderá escapar á morte. E, na noite funesta e trágica, que faz badalar os corações, êsses bravos rangem os dentes, com o calôr da guerra!

*A morte continua ceifando
Nas nossas fileiras aguerridas!*

As janelas estão com barricadas. O combate pode começar. Burk não calcula a posição do inimigo, porque é quasi impossível alumiá-lo a atalho Terrível incerteza!

No meio da noite chega Dora. Ela não quer abandonar os seus compatriotas, e quer tratar dêles. Dora dá-lhes de comer e ao próprio Capitão ela oferece um prato e sôpa quente, ainda que um pouco intimidada diante da figura grave desse homem Dora deve partir imediatamente. Mas como a escuridão da noite não lho permite ela fica obrigada a esperar o romper da manhã.

Chega o soldado que Burk tinha enviado para pedir reforços. Nenhuma esperança Os prussianos encontram-se na plena retirada, e duas divisões devem passar ainda o Saale antes que se faça saltar a ponte! E' o desespero que assalta, era preciso fazer retardar o avanço dos franceses, até que a ultima divisão prussiana estivesse em segurança. Mas esta empresa temerária será a morte certa dos 13 granadeiros. E êles procuram partir, não querendo morrer sem uma razão aparente. Porém, quando o Capitão lhes declara que, se êles ficarem mais uma meia hora no seu pôsto, as duas divisões terão atravessado o Saale e a vida de milhares de seus camaradas estará salva, os granadeiros da terceira Companhia retomam as armas. Sim, êles hão-de lutar—para salvar os seus camaradas. E cada soldado volta ao seu pôsto.

*Quando fôr o romper da manhã
Teremos de dizer nosso adeus!
Pois, seremos fieis até á morte,
Porque ignoramos a nossa sorte!
Esperemos aviso dos céus!*

E a manhã foi clareando. E' preciso que Dora parta imediatamente! Contudo, ela não quer. E, quando Burk a quer mandar embora á força, ela lhe suplica:—«Deixai-me estar convôscos», Burk respira pesadamente Tôda a sua vida êle não conheceu outra coisa, a não ser o seu dever, para conhecer finalmente, agora, diante da morte

(Conclui na ultima página).

A Ultima Companhia

(Conclusão)

iminente, que êle é amado.—«Parte, Dora, parte», mas ela, em vez de responder, abraça-o.

Vem uma comunicação do pôsto de vigilância: Infantaria francêsa dirigindo-se para o moínho! O combate da morte começa—entre 13 Prussianos desesperados e milhares Franceses. Os projecteis inimigos caem estrondosamente sôbre o moínho. Uma fusilaria furibunda lhes responde.

*Que um dia nossas mães e amantes
Se lembrem dos esforços gigantes!*

Os camaradas que deviam passar o Saale ainda não atravessaram a ponte. O fôgo dos Prussianos encerrados no moínho começa a enfraquecer.

*Somos soldados desconhecidos
Sempre no nosso pôsto vencido!*

Eis que no moínho o fôgo cessa inteiramente. Os franceses entram e vêem os mortos da terceira Companhia. O Capitão está estendido no chão e ao seu lado encontra-se uma rapariga agonizante, que morre abraçando o seu bem-amado.

Neste momento, os últimos soldados passaram o Saale e a ponte salta no ar com um estrondo de trovão, e assim ficam salvas milhares de vidas, graças ao heróico sacrificio dos 13 soldados desconhecidos! Foram êsses 13 bravos que fizeram demorar o avanço do exército imperial. E para enaltecer o amor pela pátria dos 13 humildes granadeiros o coronel e os officiaes franceses saúdam com honras militares os 13 heróis mortos.

Carta de Paris

(Conclusão)

Deante de nós uma história pungente e extremamente humana vai-se desdobrando, mas tudo isso numa atmosfera de irreal, estranha. Nem um minuto pensamos estar vendo uma obra realista e todavia, refletindo, quantas coisas vivas e bem actuais aí encontramos!

A *Opera dos 4 vintens* é um filme que quer dizer alguma coisa!

Todas as imagens são esplêndidas, duma poesia e duma arte perfeita. As iluminações e

os angulos de filmagens são impecaveis, e contudo, não pensamos, vendo o filme, na virtuosidade, na tecnica, na fotografia! O mais pequeno detalhe é uma maravilha. O ritmo, apesar dos cortes da censura, mantem-se espantosamente certo. Tudo está conduzido por firmeza por mão de mestre.

Nunca se poderá dizer bem de mais desta obra imensa. Pabst volta a fazer-se ter confiança no cinema, nesse cinema, que exprime o que ele quer, fazendo obra social e obra de arte. Com Pabst e algumas mais (Clair, Eisenstein, Vidor, Chaplin, Stroheim) o nosso ideal será mais bem defendido que por alguns discursos e uma serie de artigos nos jornais...

Paris, Novembro 1931.

Maurice Hilero

(redactor de «Invicta-Cine» em França).

Na capa

Claudia Dell, uma jovem estrêla americana do elenco da «Radio».

Encontra-se presentemente em Paris, o conhecido actor cinematográfico Douglas Fairbanks, onde lhe têm sido feitas ruidosas manifestações de simpatia.

—Igualmente é hospede da França o grande realizador Lewis Milestone.

—O primeiro filme colorido editado pelos russos, encontra-se actualmente em exhibição em Moscou.

Essa produção intitula-se «A Festa do Trabalho».

Pudowkine, um dos maiores realizadores da Russia, encontra-se em Hamburgo, filmando cenas para o seu filme: «Piatiletka».

—«Uma Noite no Paraíso» será o titulo do próximo filme de Anny Ondra. Como de costume, Carl Lamac, é o realizador.

—Segundo rumores que correm, Greta Garbo, logo que termine o seu contrato com a M. G. M., abandonará o cinema regressando à sua terra natal.

—A seguir ao filme «Matou», o Aguia d'Ouro apresenta o famoso cantor Lawrence Tibette no fonofilm «Lua Nova».

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas
Ex.mas Empresas dos Cinemas:

PASSOS MANUEL

50 % de desconto em todos os lugares na
matinée do dia 10 de Dezembro de 1931.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas
matinées dos dias 10 e 12 de Dezembro de 1931



AGUIA D'OURO



Apresenta na próxima 2.^a feira

A
maior
produção até hoje
realizada pelo famoso
artista
FRITZ LANG

MATOU!



Um filme que comove,
que arrebata e que
esmaga

O GRANDE FILME
DA E'POCA 1931-1932





MATOU!

PRODUÇÃO
NERO-FILM
DISTRIBUIÇÃO

DA

A OBRA-PRIMA
DE
FRITZ LANG

AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, LDA